



**A existência no plano
espiritual de construções
e objetos semelhantes
aos terrestres**

Paulo Neto

A existência no plano espiritual de construções e objetos semelhantes aos terrestres

(Versão 2)

“A história aí está a nos mostrar a obstinação estúpida dos que se petrificam nas suas ideias preconcebidas.” (GABRIEL DELANNE)

“As objeções nascem, quase sempre, das ideias falsas, feitas, ‘a priori’, sobre aquilo que se não conhece bem.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2024 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[https://i.pinimg.com/736x/ee/36/de/
ee36de678e6fa579edd1b7b6834ec23b.jpg](https://i.pinimg.com/736x/ee/36/de/ee36de678e6fa579edd1b7b6834ec23b.jpg)

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira
Thiago Toscano Ferrari

Diagramação:

Paulo Neto
site: <https://paulosnetos.net>
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, novembro/2024.

Índice

Introdução.....	4
Na Codificação, o que poderia nos servir de base?.....	6
Apresentando algo bem mais específico.....	17
Conclusão.....	49
Referência bibliográfica.....	56
Obras de nossa autoria que recomendamos.....	60
Dados biográficos do autor.....	62

Introdução

Compreendemos que uma das coisas mais difíceis a qualquer um de nós é abdicar das ideias e crenças que temos para abraçar uma outra que, em princípio, nos parece impossível de existir. Isso em si, não é algo que devemos condenar, mas aceitar como uma realidade evolutiva nossa como seres humanos.

Porém, diante de uma situação igual a essa, devemos, por amor à verdade, ouvir com atenção os argumentos que apresentam os que estão advogando o que nos parece ser pura ilusão. Infelizmente a grande maioria de nós não faz isso, ou seja, nossos ouvidos sempre estão fechados para tudo que contrarie a opinião que temos sobre determinado assunto.

Esse comportamento é o que foi designado de “*obstinação estúpida*” por Gabriel Delanne (1857-1926), destacado pesquisador espírita,

contemporâneo de Allan Kardec (1804-1869), magistralmente, pontuou na frase em epígrafe (1).

De “Prolegômenos”, em *O Livro dos Espíritos*, ainda trazemos para reflexão: “*A vaidade de certos homens, que julgam saber tudo e tudo querem explicar a seu modo, dará nascimento a opiniões dissidentes.*” (2)

Na Codificação, o que poderia nos servir de base?

A bem da verdade não temos como fugir de trazer a esse ebook os vários trechos da Codificação, inúmeras vezes os mencionamos que, excluindo o preconceito e bem analisados, podem abrir nossa mente para aceitar a possibilidade da existência no plano espiritual de construções e objetos semelhantes aos terrestres. Dizemos semelhantes porquanto a matéria, que os forma, não é grosseira como a nossa, neste mundo de provas e expiações.

No artigo “O tambor de Bérésina”, publicado no mês de julho na **Revista Espírita 1858**, após a questão 69, há uma nota do Codificador que julgamos valer a pena mencionar este trecho:

[...] É somente estudando todas as classes desse mundo que nos espera, que se pode chegar a conhecê-lo, e, de algum modo, nele marcar antecipadamente o lugar que cada um de nós pode aí ocupar. Vendo a situação que se prepararam, por seus vícios e suas virtudes, os

homens que foram nossos iguais nesse mundo, é um encorajamento para nos elevar, o mais possível, desde este: é o exemplo ao lado do preceito. **Não é demasiado repetir que para bem conhecer uma coisa, e dela se fazer uma ideia isenta de ilusões, é preciso vê-la sob todas as suas faces**, do mesmo modo que o botânico não pode conhecer o reino vegetal senão observando desde o modesto criptógamo escondido sob o musgo, até o carvalho que se eleva nos ares. ⁽³⁾ (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Nessa transcrição há um ponto específico que queremos chamar a atenção; trata-se desta fala: *“Não é demasiado repetir que para bem conhecer uma coisa, e dela se fazer uma ideia isenta de ilusões, é preciso vê-la sob todas as suas faces”*, pois o que vemos de adeptos do Espiritismo falando do que não conhecem, por não terem se aprofundado em seus estudos, daí, quase sempre, o que dizem são apenas opiniões pessoais, mas, que, intimamente, julgam que devem prevalecer sobre as todas as outras. É oportuno lembrarmos esta fala do Codificador: *“Como quereis chegar à verdade interpretando tudo segundo as vossas ideias*

estreitas, que considerais grandes ideias?” (4)

Na **Revista Espírita 1864**, mês de novembro, Allan Kardec faz uma importante consideração a respeito da *“matéria própria do mundo espiritual”*, senão vejamos:

Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material; aos homens corpóreos, são necessários objetos materiais; **aos Espíritos, cujo corpo é fluídico, são necessários objetos fluídicos**, os objetos materiais não lhes serviriam, não mais do que os objetos fluídicos não serviriam aos homens corpóreos. [...]. (5)

Algumas pessoas não conseguem fazer uma separação justa das coisas, pensam que a matéria utilizada pelos Espíritos no mundo espiritual para as construções e criação de objetos fluídicos tem a mesma composição química, vamos assim dizer, da que usamos no plano físico na produção de objetos materiais. Daí ser realmente impossível admitir construções e objetos nesse outro plano da vida.

Agindo dessa forma, utilizam-se de uma base totalmente equivocada para apoiar e justificar a sua

crença de não haver construções fluídicas no mundo espiritual. Allan Kardec bem o disse: “**Se as premissas não forem certas, a conclusão não o poderá ser.**” (6) Entretanto, a boa lógica diz que se não houvesse objetos fluídicos no plano dos invisíveis, não faria sentido algum o teor desse texto que transcrevemos.

Na **Revista Espírita 1865**, mês de maio, temos uma comunicação assinada pelo Espírito Mesmer, intitulada “Sobre as criações fluídicas”, da qual transcrevemos este excerto:

Sim, os objetos procriados instantaneamente pela vontade, que é o mais rico dom do Espírito, **são hauridos nos fluidos semimateriais do corpo chamado perispírito**, dos habitantes da erraticidade. Eis porque, com esses elementos, **podem criar objetos segundo seu desejo.**

O mundo dos invisíveis é como o vosso; em lugar de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do Espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.

O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo. (7)

(itálico do original)

A bem da verdade, genericamente o elemento utilizado para procriação dos objetos não “*são hauridos nos fluidos semimateriais do corpo chamado perispírito*”, mas, sim, do fluido cósmico universal. O teor dessa frase somente poderia ser válido para os casos de pequenos objetos pessoais – cachimbo, caixa de rapé, por exemplo –, e a vestimenta, uma vez que não se existem “*almas peladas*”, mas apenas “*penadas*”. (rsrs)

Afirma-se, com razão, sobre a possibilidade de os Espíritos criarem objetos pelo poder do pensamento e da vontade, que o mundo espiritual onde vivem é semelhante ao nosso, a diferença é que em vez dele “*ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo*”.

Mesmer, que, segundo Allan Kardec, estava entre “*os Espíritos bons que, habitual ou eventualmente, vêm trazer-nos o tributo de suas luzes*”, arremata categórico: “*O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de*

além-túmulo.” Portanto, qual é a dúvida?

Diante de uma afirmação tão clara e objetiva quanto essa, ficamos sem entender o porquê de ainda existir pessoas que negam as construções e objetos no plano espiritual. Será tão “doído” assim mudar de opinião? Talvez, para alguns, sim, pois significa que estavam equivocados. É exatamente isso a “fonte da dor”.

O Codificador já alertara que *“A obstinação nas ideias falsas jamais foi encarada como prova de bom-senso. É, além disso, pequenez, quando se deve ao orgulho, o que é o caso mais comum.”* (8)

Vejamos em **A Gênese**, capítulo “XIV - Os fluídos”, os itens 3 e 14 destes dois tópicos:

1º) Elementos fluídicos

3. No estado de eterização, **o fluido cósmico** não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, **sofre modificações** tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedam do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão origem aos fenômenos peculiares do mundo invisível.

Dentro da relatividade de tudo, **esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre.** Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes. (º)

2º) Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografia do pensamento

14. **Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais**, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas **empregando o pensamento e a vontade**. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, **organizando com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma**, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. **É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.**

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção; de outras, são produto de um pensamento inconsciente. **Basta que o Espírito pense uma coisa para que esta se produza**, como basta que module uma ária para que esta repercuta na atmosfera.

É assim, por exemplo, que **um Espírito se torna visível** a um encarnado que possua vista psíquica, **sob as aparências que tinha quando vivo na época em que o segundo o conheceu**, embora ele haja tido, depois dessa época, muitas encarnações. Apresenta-se com o vestuário, os sinais exteriores – enfermidades, cicatrizes, membros amputados etc. – que tinha então. Um decapitado se apresentará sem a cabeça, o que não significa de modo algum que haja conservado essa aparência. Certamente, como Espírito, ele não é coxo, nem maneta, nem zarolho, nem decapitado; o que ocorre é que, **retrocedendo o seu pensamento à época em que tinha tais efeitos, seu perispírito lhes toma instantaneamente as aparências**, que deixam de existir logo que o mesmo pensamento cessa de agir naquele sentido. Se, pois, de uma vez ele foi negro, e branco de outra, apresentar-se-á como branco ou negro, conforme a encarnação a que se refira a sua evocação e à que se transporte o seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele estava habituado a usar. Um avarento manuseará ouro; um militar trará suas armas e seu uniforme; um fumante, o seu cachimbo; um lavrador, o seu arado e seus bois; uma mulher velha, a sua roca. **Para o Espírito, que também é fluídico, esses objetos fluídicos são tão reais como eram antes, no estado material**, para o homem vivo; mas em virtude de serem criações do pensamento, a existência deles é tão fugaz quanto o próprio pensamento que os gerou. ⁽¹⁰⁾ (itálico do original)

Ora, não há dúvida de que o fluído cósmico nos é invisível, entretanto, ele *“têm para os Espíritos [...] uma aparência tão material quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados”*.

Assim, por que os Espíritos não poderiam criar construções e objetos no plano em que se encontram? Seria pelo fato dos encarnados não compreenderem como se dá esse processo? Mas isso é muito pouco, pois, a trilhar por esse caminho, milhares de outras coisas também deveriam ser objeto de descrença da parte deles.

Ademais, como inúmeras vezes dito na Codificação, os Espíritos, pelo pensamento e pela vontade, podem atuar sobre os fluidos espirituais – no caso, o fluído cósmico universal –, produzindo aquilo que for de seu interesse, até mesmo aqueles pequenos objetos que estavam habituados a usar quando vivos.

Caso a produção seja realizada no mundo físico, ela seria *“tão fugaz quanto o pensamento que a gerou”*. Entretanto, se for uma criação no mundo espiritual ela não estará sujeita a esse mesmo

estado provisório, uma vez que, conforme dito, “*Tudo deve estar em harmonia, no mundo espiritual, como no mundo material*” (11).

Na **Revista Espírita 1869**, mês de abril, o Codificador, ao fazer um resumo dos princípios da Doutrina Espírita, asseverou que:

As transformações fluídicas produzem imagens e objetos tão reais para os Espíritos, que são eles mesmos fluídicos, quanto o são as imagens e os objetos terrestres para os homens, que são materiais. Tudo é relativo em cada um desses mundos. (Ver a *Gênese segundo o Espiritismo*, capítulo dos fluídos e das criações fluídicas.) (12)

Aqui foi afirmado que as criações produzem imagens como também “*objetos tão reais para os espíritos*” quanto “*os objetos terrestres para os homens, que são materiais*”. Isso não deveria deixar nenhuma dúvida em relação a uma real criação fluídica e não “imaginária” como supõem alguns confrades.

Não podemos deixar de ressaltar que a afirmação “*tudo é relativo em cada um desses*

mundos”, via de consequência, nos leva admitir que no mundo espiritual há objetos criados pelos Espíritos, pois o teor dessa frase só faz algum sentido dentro dessa premissa.

Apresentando algo bem mais específico

Na “Introdução” de ***O Livro dos Espíritos***, há uma curiosa referência do Codificador que julgamos ter uma relação direta com o nosso tema:

[...] **No mundo dos Espíritos também há uma sociedade boa e uma sociedade má**; dignem-se essas pessoas de estudar o que se passa entre os Espíritos de escol e se convencerão de que **a cidade celeste** não contém apenas a escória popular. Mas, perguntam elas, os Espíritos de escol vêm até nós? A isto responderemos: Não fiqueis no subúrbio; vede, observai e julgai; os fatos aí estão para todos. A menos que a elas se apliquem estas palavras de Jesus: *Têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem.* ⁽¹³⁾ (itálico do original)

Não temos dúvida de que aparecerão os opositores para afirmarem que “a cidade celeste” é no sentido figurado, nada teria a ver com o que hoje se espalha no meio espírita a respeito de construções, cidades, colônias e objetos no plano do além-túmulo. Há possibilidade de isso ser real, não

faz sentido negar, mas diante de outras informações que encontramos nas obras publicadas pelo Codificador, nós formamos plena convicção de que a expressão deve ser entendida no sentido literal.

Elizabeth Singer Rowe (1674-1737) e Emanuel Swedenborg (1688-1772) são dois autores que tiveram seus nomes citados por Allan Kardec ⁽¹⁴⁾ e, pelo que se pode deduzir, ele conheceu o teor de obras por eles escritas.

É bom lembrar que o nome de Swedenborg consta na lista dos Espíritos que assinaram “Prolegômenos” de *O Livro dos Espíritos* ⁽¹⁵⁾. Julgamos que a sua participação entre os reveladores da Codificação Espírita demonstra ser ele um Espírito evoluído.

De ***O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*** (1758), autoria de Emanuel Swedenborg, transcreveremos alguns trechos:

a) Capítulo “4. O céu é distinto em dois reinos”:

20 Visto que **no céu há variedades infinitas e uma sociedade não é inteiramente semelhante**

à **outra**, nem mesmo um anjo semelhante a outro ⁽¹⁶⁾, por isso **o céu se distingue no geral, na espécie e no particular. No geral, em dois reinos; na espécie, em três céus**; e no particular, **em inúmeras sociedades**. Tratar-se-á de cada um desses no que agora se segue. Diz-se “reino”, porque o céu é chamado “o reino de Deus”. ⁽¹⁷⁾

b) Capítulo “6. Os céus consistem em inúmeras sociedades”:

43 **Todos, em uma só sociedade, são semelhantemente distintos entre si**: os que são **mais perfeitos**, isto é, os que excedem em bem, assim, em amor, sabedoria e inteligência, estão no meio; os que **excedem menos** estão em torno, a determinada distância segundo o grau em que diminui a perfeição. [...].

44 **Os semelhantes são levados aos semelhantes como por si mesmos, pois estão com os semelhantes como se estivessem com os seus e como se estivessem em casa**, mas, com os outros, como se estivessem com estrangeiros e como se estivessem fora. Quando estão com os semelhantes, estão, também, em sua liberdade e, assim, em todo o prazer da vida. ⁽¹⁸⁾

50 Foi dito acima que **nos céus há sociedades maiores e menores**; as maiores consistem em miríades, as menores em alguns milhares e, as mínimas, em algumas centenas de anjos. Também **há alguns que habitam solitariamente, como por casas e casas, famílias e famílias**. Esses, ainda que vivam dispersamente, estão ainda

ordenados de modo semelhante ao dos que estão nas sociedades, a saber, os mais sábios deles estão no meio e os mais simples nos limites. Esses estão mais perto do Divino auspício do SENHOR e são os melhores dos anjos. ⁽¹⁹⁾

c) Capítulo “20. Das vestimentas com que os anjos aparecem vestidos”:

177 Como os anjos são homens e vivem entre si como vivem os homens nas terras, por isso têm vestimentas, casas e muitas coisas semelhantes, com a diferença, porém, que para eles todas as coisas são mais perfeitas, porque se acham num estado mais perfeito. Pois, assim como a sabedoria angélica excede a sabedoria humana num grau tal que se diz inexplicável, assim também ocorre com todas as coisas que eles percebem e lhes aparecem, porque **todas as coisas que são percebidas pelos anjos e aparecem a eles correspondem à sua sabedoria** (veja-se acima, n. 173). ⁽²⁰⁾

d) Capítulo “21. Das habitações e moradias dos anjos”:

183 Uma vez que no céu há sociedades e lá eles vivem como homens, por isso também há para eles habitações e essas são também variadas segundo o estado da vida de cada um: **magníficas para os que estão em um estado mais digno e menos magníficas para os que estão em um estado inferior.** Falei, algumas vezes, com os anjos sobre as habitações no céu e **lhes disse que hoje dificilmente alguém creria**

que eles têm habitações e moradias, alguns porque não as veem, outros porque não sabem que os anjos são homens e outros porque acreditam que o céu angélico é o céu que se vê à sua volta diante do olhos, o qual aparece vazio e, **como pensam que os anjos são formas etéreas, concluem que vivem no éter.** Além disso, **como nada sabem sobre o espiritual, não compreendem que no mundo espiritual haja coisas tais como as do mundo natural.** Os anjos disseram [...] que se pode saber, pela Palavra, que **os anjos são homens**, uma vez que, **quando foram vistos, foram vistos como homens;** semelhantemente com o SENHOR, que levou consigo todo o Seu Humano; e **como os anjos são homens, têm habitações e moradias. E ainda que sejam espíritos, não esvoaçam no ar nem são sopros, conforme a ignorância** – a que chamavam de insanidade – de alguns. E que poderiam compreender [...] em cada um há uma ideia geral de que **os anjos têm forma humana e têm domicílios a que chamam habitações do céu, que são magníficas mais do que as habitações da terra.** Mas essa ideia geral, que vem do influxo do céu, é logo anulada quando posta sob a intuição e o pensamento quanto a se isso é assim, o que se dá principalmente entre os eruditos, que, pela própria inteligência, fecharam para si o céu e, assim, o caminho da luz. Acontece de modo semelhante com a fé sobre a vida do homem após a morte. [...].

184 Mas é melhor citar de passagem algumas provas da experiência. **Todas as vezes que falei**

com os anjos face a face, eu estava com eles em suas habitações. Suas habitações são inteiramente como as habitações que na terra se chamam casas, porém mais belas. Nelas há um grande número de câmaras, salas e quartos; há átrios e, ao redor, jardins, bosques e campos. Ali onde vivem consociados as habitações são contíguas, uma junto à outra, **dispostas em forma de cidades, com praças, ruas e mercados, inteiramente à semelhança das cidades em nossa terra. Foi-me concedido também percorrê-las, examiná-las em toda parte** e, às vezes, entrar nas casas. **Isso se deu em plena vigília**, quando a vista interior me tinha sido aberta ⁽²¹⁾. ⁽²²⁾

190. **As casas em que os anjos habitam não são construídas como as casas no mundo**, mas lhes são dadas gratuitamente pelo SENHOR, a cada um segundo a recepção do bem e do vero. Elas também variam um pouco segundo as mudanças de estado de seus interiores (do que se tratou acima, ns. 154-160). Todas as coisas que os anjos possuem são consideradas como recebidas do SENHOR e tudo o de que têm necessidade lhes é dado. ⁽²³⁾

e) Capítulo “25. Do culto Divino no céu”:

221. O culto Divino nos céus não difere do culto Divino nas terras quanto aos externos, mas difere quanto aos internos. Há igualmente para eles doutrinas, prédicas e templos. As doutrinas concordam quanto às coisas essenciais, mas nos céus superiores são de uma sabedoria mais

interior que nos céus inferiores. As prédicas são segundo as doutrinas. **E assim como os anjos têm casas e palácios** (ns. 183-190), **também têm templos em que se fazem prédicas**. Que haja tais coisas nos céus, é porque os anjos são continuamente aperfeiçoados na sabedoria e no amor, pois têm, como os homens, entendimento e vontade e o entendimento é tal que pode ser continuamente aperfeiçoado, do mesmo modo que a vontade; o entendimento, pelos veros que são da inteligência e a vontade, pelos bens que são do amor. ⁽²⁴⁾ ⁽²⁵⁾

DO MUNDO DOS ESPÍRITOS

E do estado do homem depois da morte

f) Capítulo “44. O que é o mundo dos espíritos”:

421 O mundo dos espíritos não é o céu nem o inferno, mas um lugar ou estado intermediário, entre um e outro, pois para ali vai primeiramente todo homem após a morte; em seguida, após certo tempo, ou é elevado ao céu ou é lançado no inferno, segundo a sua vida no mundo.

422 O mundo dos espíritos é um lugar intermediário entre o céu e o inferno e também um estado médio do homem após a morte. Que seja um lugar intermediário, é o que tornou-se-me evidente pelo fato de os infernos estarem abaixo e os céus acima. E que seja um estado intermediário, pelo fato de que o homem, enquanto está ali, ainda não está no céu nem no inferno. O estado do céu no homem é a conjunção do bem e do vero nele e o estado do inferno é a conjunção

nele do mal e do falso. [...] Essa conjunção se faz no mundo dos espíritos, visto que, então, o homem está no estado intermediário. É a mesma coisa dizer conjunção do entendimento e da vontade ou dizer conjunção do vero e do bem. ⁽²⁶⁾

426 **No mundo dos espíritos há um imenso número, porque ali é a primeira reunião de todos e ali todos são examinados e preparados. Não existe um termo fixo para a permanência deles ali;** alguns somente ali entram e são logo ou tomados ao céu ou lançados no inferno; outros permanecem ali somente algumas semanas; outros, muitos anos, mas não além de trinta. [...]. ⁽²⁷⁾

g) Capítulo “45. Cada homem é um espírito quanto aos seus interiores”:

441 No que concerne ao segundo caso, **ser levado pelo espírito a um outro lugar**, foi-me mostrado por viva experiência o que isso é e de que modo se faz, mas isso somente duas ou três vezes. Quero referir só uma experiência. Andando pelas praças da cidade e pelos campos enquanto também falava com espíritos, eu não sabia outra coisa senão que estava em vigília; e vendo, como em outras ocasiões, eu andava, assim, sem erro. **E enquanto estava em visão, via lugares, rios, palácios, casas, homens e muitas outras coisas.** Mas, depois de ter assim andando durante horas, vi-me subitamente na visão do corpo e descobri que estava em outro lugar, o que me fez ficar muito espantado. **Percebi que estivera no estado daqueles que dizem terem sido**

arrebatados pelo espírito a um outro lugar, pois, quando se está aí, não se reflete sobre o caminho, ainda que tenha sido de muitas milhas, nem se reflete sobre o tempo, ainda que tenha sido de muitas horas ou dias, tampouco se sente fadiga alguma. Também se é conduzido, então, por caminhos que se ignora, até o lugar designado, sem erro. ⁽²⁸⁾

h) Capítulo “50. Os prazeres da vida de cada um são mudados depois da morte em correspondência”:

489 Mas os prazeres da vida daqueles que, no mundo, viveram no amor celeste se mudam em correspondências como as que estão nos céus, as quais existem pelo Sol do céu e pela luz daí, luz que apresenta à vista coisas que em si encerram Divinos. **Os objetos que daí aparecem afetam os interiores que são das mentes dos anjos** e, ao mesmo tempo, os exteriores que são de seus corpos. E como a Divina luz, que é o Divino vero procedente do SENHOR, influi nas suas mentes, que se acham abertas pelo amor celeste, por isso apresenta nos externos objetos tais que correspondem aos prazeres de seu amor. Que as coisas que aparecem à vista nos céus correspondam aos interiores dos anjos ou às coisas que são da fé e do amor e, assim, de sua inteligência e sabedoria, [...] quero também referir alguma coisa a respeito dos prazeres celestes em que se mudam os prazeres naturais naqueles que, no mundo, viveram no amor celeste. Os que amaram os Divinos veros e a Palavra por uma

afeição interior ou pela afeição do vero mesmo, **esses, na outra vida, habitam na luz, em lugares elevados que aparecem como montanhas** e, ali, estão continuamente na luz. **Não sabem o que são as trevas** como as que se conhecem no mundo e também vivem na estação da primavera. À sua vista se apresentam como que campos e searas, como também vinhas. **Em suas casas, cada coisa brilha como se [fosse] de pedras preciosas.** A sua vista, através das janelas, é como de puros Cristais. Essas coisas são os prazeres de sua visão, mas essas mesmas coisas são prazeres interiores pelas correspondências com os Divinos celestes, pois os veros da Palavra correspondem às searas, vinhas, pedras preciosas, janelas e cristais. [...] **Os que amaram as ciências**, cultivaram meio delas, adquiriram para si inteligência e, ao mesmo tempo, o Divino, sua delícia nas ciências e o seu prazer racional reconheceram se mudam na outra vida em prazer espiritual, que é o dos conhecimentos do bem e do vero. **Habitam em hortos, onde aparecem canteiros e jardins distintos em áreas de uma forma bela e rodeados por ordens de árvores com pórticos e alamedas. As árvores e as flores variam diariamente;** o aspecto de tudo, no geral, apresenta prazeres às suas mentes e as variedades, no particular, os renovam continuamente. [...] Os que atribuíram todas as coisas ao Divino, consideraram a natureza como relativamente morta, somente servindo às espirituais e se confirmaram nisso, esses estão na luz celeste; todas as coisas que aparecem diante dos seus olhos tiram dessa luz a sua translucidez

e, nessa translucidez, veem inumeráveis variações da luz que sua vista interna imediatamente absorve, por assim dizer. Daí sentem prazeres interiores. **As coisas que aparecem em suas casas são como que adamantinas**, nas quais há semelhantes variações. Foi dito que **as paredes de suas casas são como que cristalinas e também translúcidas**; nelas aparecem, como fluindo, formas representativas das coisas celestes, também com variedade perpétua e removidas da sombra proveniente da fé e do amor natural, porque tal translucidez corresponde ao entendimento iluminado pelo SENHOR. São dessas coisas e de outras, infinitas, que falam aqueles que estiveram no céu dizendo que viram coisas que nenhum olho viu e, pela percepção dos Divinos comunicada através delas, que ouviram coisas que nenhum ouvido ouviu. [6]. [...]. ⁽²⁹⁾

i) Capítulo “51. Do primeiro estado do homem após a morte”:

495 Visto que **a vida dos espíritos recém-chegados não é diferente da sua vida no mundo natural** e como não sabem coisa alguma sobre o estado de sua vida após a morte, nem coisa alguma sobre o céu e o inferno além das que aprenderam do sentido da letra da Palavra e pela pregação daí, por isso, [...] **são instruídos pelos amigos a respeito do estado da vida eterna** e, também, conduzidos a vários lugares e a várias companhias; **alguns são conduzidos a cidades e também a jardins e paraísos, magníficos na maior parte**, porquanto esses objetos deleitam os

externos em que estão. São, às vezes, então repostos em seus pensamentos que tiveram na vida do corpo a respeito do estado de suas almas após a morte e a respeito do céu e do inferno, e isso até à indignação por terem ignorado completamente esses fatos e também porque a igreja o ignora. [...] E, quando são instruídos, não compreendem que pensar e querer faça alguma coisa, mas somente o falar e o agir. Assim é a maioria dos que vêm do mundo cristão à outra vida. ⁽³⁰⁾

j) Capítulo “53. Do terceiro estado do homem após a morte, que é o estado de instrução dos que vêm para o céu”:

513 As instruções são feitas pelos anjos de muitas sociedades, principalmente por aqueles que estão nas regiões setentrionais e meridionais, pois essas sociedades angélicas estão na inteligência e na sabedoria pelos conhecimentos do bem e do vero. **Os locais de instrução** ficam ao norte e são variados, ordenados e distintos segundo os gêneros e as espécies dos bens celestes, **para que ali todos e cada um sejam instruídos segundo sua índole e sua faculdade de receber. Esses locais**, ali, se estendem ao redor, a uma grande distância. **Para lá são levados pelo SENHOR os bons espíritos que devem ser instruídos, após terem passado o seu segundo estado no mundo espíritos**, mas nem todos, pois os que foram instruídos no mundo aí também foram preparados pelo SENHOR para o céu e são levados ao céu por outro caminho;

alguns o são logo após a morte, outros após uma breve convivência com bons espíritos, **quando são removidas as coisas mais grosseiras de seus pensamentos e afeições que contraíram pelas honras e riquezas no mundo e são, assim, purificados**. Alguns são antes vastados, o que se faz em lugares que, sob a planta dos pés, chamam-se terra inferior, onde alguns sofrem severamente. Esses são aqueles que se tinham confirmado nos falsos e, todavia, viveram a vida do bem, pois os falsos confirmados se aderem gravemente e, antes de serem dissipados, os espíritos não podem ver os veros, assim, não os recebem. [...]. (31).

514 **Todos os que se acham nos lugares de instrução habitam distintamente entre si, porque cada um deles está ligado às sociedades do céu a que deverão ir**. Por isso, uma vez que as sociedades do céu foram ordenadas segundo a forma celeste (veja-se acima, n. 200-212), assim também **os lugares onde se dão as instruções**. Assim, quando esses lugares são vistos do céu, ali aparece algo como um céu na menor forma. **Os lugares** se estendem ali, em comprimento, do oriente ao ocidente, e em largura, do meio-dia [sul] ao norte; mas, em aparência, a largura é menor que o comprimento. As ordenações são, em geral, assim: à frente estão os que morreram criança e foram educados no céu desde a primeira idade da adolescência; são aqueles que, após o estado de sua infância com as educadoras, são levados para ali pelo SENHOR e instruídos. **Depois desses há os lugares onde são instruídos os que morreram adultos e que,**

no mundo, estiveram na afeição do vero pelo bem da vida. Depois desses, porém, estão os que foram filiados à religião maometana e viveram uma vida moral no mundo, reconhecendo um só Divino e o SENHOR como o Profeta mesmo. [...] Depois deles, mais para o norte, estão **os lugares de instrução de vários povos pagãos** que, no mundo, viveram a vida do bem conforme sua religião, adquiriram daí uma espécie de consciência e praticaram o que é justo e reto não tanto por causa das leis de seus governos, mas por causa das leis da religião, que eles julgaram que deviam observar santamente e não violar de modo algum pelos atos. [...]. ⁽³²⁾

k) Capítulo “61. Da aparência, da situação e da pluralidade dos infernos”:

582 **No mundo espiritual**, ou no mundo onde estão os espíritos e anjos, **aparecem coisas semelhantes às que estão no mundo natural, ou onde estão os homens. São tão semelhantes que não há diferença alguma quanto ao aspecto externo.** Ali aparecem planícies, montes, colinas, rochedos e, entre esses, vales; além disso, há também águas e muitas outras coisas que há sobre a terra. **Mas todas são, contudo, de uma origem espiritual;** por causa disso, aparecem diante dos olhos dos espíritos e dos anjos e não diante dos olhos dos homens, porque os homens estão no mundo natural. Os espirituais veem os objetos que são de origem espiritual e os naturais veem os que são de origem natural. Por isso o homem não pode, com seus olhos, ver as

coisas que estão no mundo espiritual a não ser que lhe seja concedido estar em espírito e a não ser após a morte, quando se torna espírito. [...] Uma vez que **tal é a semelhança entre o mundo espiritual e o mundo natural, por isso o homem, após a morte, mal sabe outra coisa senão que está no mundo onde nasceu e do qual saiu.** Essa é, também, a causa porque a morte é tida somente como uma passagem de um mundo a um outro semelhante. (Que haja tal semelhança entre um e outro mundos, veja-se acima, onde se tratou dos representativos e das aparências no céu, n. 170-176). ⁽³³⁾

Eis, aí um bom retrato da obra de Emanuel Swedenborg que fala das coisas do plano espiritual. É claro que na sua linguagem devemos relevar o colorido teólogo de suas revelações.

Como sempre aparecem questionamentos a respeito de Emanuel Swedenborg, por conta dele, em sua manifestação, atendendo a evocação de Allan Kardec, a quem tratou de *“meu velho amigo”*, ter se posicionado contra algumas coisas que disse quando vivo ⁽³⁴⁾, o que veremos um pouco mais à frente, querem desconsiderar tudo que provém de sua lavra na intenção de validar suas ideias a respeito da inexistência no mundo espiritual de

construções e objetos semelhantes aos terrestres.

Vejam, por exemplo, o que estes dois destacados estudiosos e renomados espíritas disseram sobre ele:

1º) José Herculano Pires (1914-1979), na obra ***O Espírito e o Tempo***, diz o seguinte:

O que faz Swedenborg um precursor doutrinário do Espiritismo é a sua posição em face do mundo espiritual, que ele considera de maneira quase positiva. Após a morte, os homens vão para esse mundo, e não são julgados por tribunais, mas por uma lei que determina as condições em que **passarão a viver, em planos superiores ou inferiores, nas diferentes “esferas” da espiritualidade.** Anjos e demônios nada mais eram, para ele, do que seres humanos desencarnados, em diferentes fases de evolução. **Suas descrições do mundo espiritual assemelham-se bastante às que encontramos nas comunicações dadas a Kardec ou recebidas atualmente pelos nossos médiuns.** O Inferno não era lugar de castigo eterno, mas plano inferior, de que os espíritos podiam subir para os mais elevados, purificando-se. A Terra, um mundo de depuração espiritual.

[...] Swedenborg foi o último dos reveladores pessoais, e abriu perspectivas para a nova era, que devia surgir com Kardec. **Não é a sua**

interpretação dos fatos o que vale em sua obra, mas os próprios fatos, posteriormente confirmados pela observação e a experimentação espíricas, oferecendo aos homens uma concepção nova da vida presente e da vida futura. ⁽³⁵⁾

2º) Hermínio C. Miranda (1910-2013), em **Swedenborg, Uma Análise Crítica**, teceu estas considerações:

Para resumir e concluir, entendo que Emanuel Swedenborg deve ser, com justiça, considerado um precursor na divulgação dos *fenômenos* que constituem objeto do Espiritismo. **Foi quem primeiro discorreu com autoridade sobre as condições de vida no mundo póstumo, levando muitas pessoas à consoladora convicção na sobrevivência do ser à morte corporal.** Também demonstrou com suficiente credibilidade, a viabilidade do intercâmbio com os seres encarnados, ainda que ele próprio não tenha tirado disso o desejável proveito. Suas observações acerca do *limbo* (equivalente ao perispírito, na terminologia kardequiana) são pertinentes e pioneiras.

Quanto aos aspectos *doutrinários* do Espiritismo, contudo, suas especulações são inaceitáveis e nada têm a ver com a lúcida Doutrina dos Espíritos, com a qual se choca frontalmente em aspectos relevantes como a

questão fundamental das vidas sucessivas.

Sobre as questões teológicas que, a rigor, não dizem respeito especificamente ao Espiritismo, mas às instituições dogmáticas tradicionais, suas observações apresentam-se eivadas de fantasias, suposições, dogmas e teorias que não resistem a uma análise crítica, mesmo elementar. ⁽³⁶⁾ (itálico do original)

Essa análise crítica de Hermínio Miranda é bem oportuna, porquanto, evocado por Allan Kardec, o Espírito Swedenborg manifesta-se e confessa ter equivocado em alguns pontos, mormente no que diz respeito à doutrina das correspondências, exatamente como o Codificador disse: *“Sua doutrina, sem dúvida, deixa muito a desejar: ele mesmo, hoje, está longe de aprová-la em todos os pontos”* ⁽³⁷⁾ Isso é perfeitamente natural, porquanto *“O Espírito progride igualmente na erraticidade, adquirindo conhecimentos especiais que não poderia obter na Terra, e modificando as suas ideias.”* ⁽³⁸⁾

No artigo intitulado “Swedenborg”, publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de novembro, O Codificador comenta aspectos de sua a doutrina, que transcrevemos:

Um dos pontos fundamentais da doutrina de Swedenborg repousa sobre o que ele chama **as correspondências**. Segundo ele, o mundo espiritual e o mundo natural estão ligados entre si, como o interior e o exterior, e **disso resulta que as coisas espirituais e as coisas naturais fazem uma só**, por influxo, e que há, entre elas, correspondência. Eis o princípio; mas o que se deve entender por essa correspondência e esse influxo, é o difícil de compreender. ⁽³⁹⁾

No sexto parágrafo à frente:

Ele cometeu um erro, muito perdoável, tendo em vista sua inexperiência com as coisas do mundo oculto, que foi aceitar muito cegamente tudo o que lhe era ditado, sem o submeter ao controle severo da razão. Se tivesse pesado maduramente o pró e o contra, teria reconhecido princípios inconciliáveis com uma lógica ainda pouco rigorosa. Hoje, provavelmente, não cairia na mesma falta; porque teria os meios para julgar e apreciar o valor das comunicações de além-túmulo; saberia que é um campo onde nem todas as ervas são boas para colher, e que entre umas e outras o bom senso, que não nos foi dado por nada, deve saber escolher. A qualidade que se atribuiu o Espírito que se lhe manifestou, bastaria para colocá-lo em guarda, sobretudo considerando a trivialidade de seu início. **O que ele mesmo não fez, cabe a nós fazê-lo agora, não tomando em seus escritos senão o que é racional;** seus próprios erros devem ser um ensinamento para os médiuns muito crédulos, que certos Espíritos

procuram fascinar lisonjeando a sua vaidade, ou seus preconceitos, por uma linguagem pomposa ou de enganosas aparências. ⁽⁴⁰⁾

No último parágrafo, lemos:

A doutrina de Swedenborg fez numerosos prosélitos em Londres, na Holanda, e mesmo em Paris, onde deu nascimento à Sociedade da qual falamos em nosso número do mês de outubro, a dos Martinistas, dos Teósofos, etc. Se ela não foi aceita por todos, em todas as suas consequências, teve sempre por resultado propagar a crença na possibilidade de se comunicar com os seres de além-túmulo, crença muito antiga, como se sabe, mas até esse dia escondida do público pelas práticas misteriosas da qual estava cercada. **O mérito incontestável de Swedenborg, seu profundo saber, sua alta reputação de sabedoria, foram de um grande peso na propagação dessas ideias, que hoje se popularizam mais e mais, por isso mesmo crescem abertamente, e que longe de procurarem a sombra do mistério, elas apelam à razão. Apesar de seus erros de sistema, Swedenborg não é menos uma dessas grandes figuras, cuja lembrança ficará ligada à história do Espiritismo, do qual foi um dos primeiros e dos zelosos promotores.** ⁽⁴¹⁾

Entendemos que Allan Kardec reconhece em Emanuel Swedenborg “*erros de sistema*”, mas isso

não seria uma condenação de todas as suas revelações, como vemos alguns confrades o fazerem. Aqui apresentamos várias delas que, no conjunto, foram corroboradas por várias fontes posteriores. Além disso, o Codificador lhe reconhece a posição de destaque na história do Espiritismo.

No artigo “Jean Reynaud e os precursores do Espiritismo”, publicado na **Revista Espírita 1863**, mês de agosto, o Codificador esclarece qual foi o papel de Emanuel Swedenborg, conforme se pode ver neste parágrafo:

Jean Reynaud nada tinha visto; tudo hauriu em sua profunda intuição. O Espiritismo viu o que o filósofo não fez senão pressentir; acrescenta assim a sanção da experiência à teoria puramente especulativa, e a experiência lhe fez naturalmente descobrir os pontos de detalhe que só a imaginação pode entrever, mas que vêm completar e corroborar os pontos fundamentais. Como todas as grandes ideias que revolucionaram o mundo, **o Espiritismo não eclodiu subitamente; germinou em mais de um cérebro, mostrou-se, aqui e ali, pouco a pouco, como para habituar os homens a essa ideia**; uma brusca aparição completa teria encontrado uma resistência muito viva: teria deslumbrado sem convencer. Cada coisa, aliás, deve vir a seu tempo, e toda planta deve germinar

e crescer antes de atingir seu inteiro desenvolvimento. Ocorre o mesmo em política; não há nenhuma revolução que não tenha sido elaborada de longa data, e alguém que, guiado pela experiência e pelo estudo do passado, seguindo atentamente essas preliminares, pode, quase infalivelmente, sem ser profeta, prever-lhe o desenlace. Foi assim que **os princípios do Espiritismo moderno se mostraram parcialmente e sob diferentes faces em várias épocas: no século último, em Swedenborg; no começo deste século, na doutrina dos teósofos**, que admitiam claramente as comunicações entre o mundo visível e o mundo invisível; **em Charles Fourier**, que admite os progressos da alma pela reencarnação; **em Jean Reynaud**, que admite o mesmo princípio, sondando o infinito, a ciência à mão; há uma dúzia de anos, **nas manifestações americanas** que tiveram uma tão grande repercussão e vieram provar as relações materiais entre os mortos e os vivos, e, finalmente, na filosofia espírita, que reuniu esses diversos elementos em corpo de doutrina e deduziu-lhes as consequências morais. [...].⁽⁴²⁾

Nessa transcrição, vemos que, incontestavelmente, Allan Kardec coloca Emanuel Swedenborg na condição de um destacado precursor do Espiritismo. Aliás é o primeiro da lista dos três precursores citados.

Ademais, em ***Catálogo Racional: Obras Para se Fundar uma Biblioteca Espírita***, ao listar a obra *Amizade após a Morte (A)*, de Elizabeth Singer Rowe, Allan Kardec faz citação ao nome de Swedenborg, fato que corrobora essa nossa percepção:

Amizade após a Morte (A), contendo cartas dos mortos aos vivos, pela senhora ROWE. Traduzido da 5ª edição em inglês e publicado em Amsterdã em 1753.

Obra muito rara hoje em dia, contendo comunicações de pessoas falecidas, de acordo com a Doutrina Espírita, que poderiam ter sido escritas por médiuns de nossos dias. **É preciso notar que essa obra precedeu Swedenborg em cerca de 30 anos e que está, mais que este último, de acordo com as ideias atuais** (*Revista Espírita* de novembro de 1868, pág. 327). ⁽⁴³⁾

Portanto, Allan Kardec considerou válidas algumas coisas na obra de Emanuel Swedenborg, porém deixa o teor dela em nível mais baixo do que o da obra de Elizabeth Singer Rowe.

Em relação à Emanuel Swedenborg há mais um ponto que precisamos ressaltar. Herculano Pires, em

O *Espírito e o Tempo*, que citamos, informa que **“Swedenborg via o mundo espiritual, conversava com os espíritos, recebia instruções diretas, e por isso se julgava capaz de tudo explicar, sem maiores preocupações”**. ⁽⁴⁴⁾ Por conseguinte, Swedenborg também era médium vidente.

Esse detalhe é importantíssimo diante do que Allan Kardec disse no artigo intitulado “Senhor Adrien, médium vidente”, publicado na **Revista Espírita 1858**, mês de dezembro. Vejamos:

De todas as faculdades como médium, a mais notável, e em nossa opinião a mais preciosa, é a do médium vidente. [...].

[...].

Essa faculdade, estendida a esse grau, nos inicia melhor, que todas as comunicações escritas, na natureza do mundo dos Espíritos; no-lo mostra tal qual é, e se não o vemos pelos nossos olhos, a descrição que dele nos dá fá-lo ver pelo pensamento; os Espíritos não são mais seres abstratos, são seres reais, que estão ali ao nosso lado, que nos acotovelam sem cessar, e como sabemos agora que seu contato pode ser material, compreendemos a causa de uma multidão de impressões que sentimos sem delas nos rendermos conta. ⁽⁴⁵⁾

Na percepção do Codificador, as descrições dos médiuns videntes, quando às particularidades do mundo espiritual, seriam mais importantes que as informações originadas das comunicações escritas, ou seja, das mensagens psicografadas. Interessante é que, em nossa pesquisa, conseguimos identificar treze médiuns videntes. Eis a lista deles:

Videntes		
Ord.	Nomes	Obras fontes
01	Yvonne A. Pereira	<i>Recordações da Mediunidade</i> , p. 23 (tb 29, 55, 128, 129, 163 e 165)
02	Rev. George Vale Owen	<i>A Vida Além do Véu</i> , p. 164 (for levado a ver as regiões que descrevia mediunicamente)
03	Emanuel Swedenborg	<i>História do Espiritismo</i> , Arthur Conan Doyle, p. 36.
04	Andrew Jackson Davis	<i>História do Espiritismo</i> , Arthur Conan Doyle, p. 68.
05	Chico Xavier	<i>Lições de Sabedoria</i> , p. XVII e <i>Entrevistas - Francisco Cândido Xavier, Espírito de Emmanuel</i> , p. 23-24.
06	Heigorina Cunha	<i>Cidade no Além</i> , p. 25, (desdobrou-se até Nosso Lar)
07	Vânia Arantes Damo	<i>Moradas Espirituais</i> , p. 18 (visitas oníricas)
08	Sadhu Sandar Singh	<i>Visões do Mundo Espiritual</i> , p. 13. (visões)

09	James Van Praagh	<i>Espíritos Entre Nós</i> , p. 9.
10	Sylvia Browne	<i>O Outro Lado da Vida</i> , p. 10.
11	Joy Snell	<i>O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas</i> , Ernesto Bozzano, p. 58.
12	E. B. Duffey	<i>A Crise da Morte</i> , Ernesto Bozzano, p. 51. (sonambulismo atento)
13	Gladys Osborne Leonard	<i>Minha vida em dois mundos</i> , p. 11.

E mesmo assim, a maioria dos negacionistas está a “fazer ouvidos de mercador” ⁽⁴⁶⁾ como se as revelações desses médiuns videntes não existissem ou, talvez, para eles, não têm valor algum.

No artigo “O Espiritismo por toda a parte”, inserido na **Revista Espírita 1868**, mês de novembro, Allan Kardec publica alguns trechos da obra de Elizabeth Singer Rowe, recebidos de um dos seus correspondentes de *Anvers*. Deles destacamos estes:

Página 7. – Os Espíritos bem-aventurados se interessam ainda pela felicidade dos mortais, e *fazem com frequência visita aos seus amigos*. Eles poderiam mesmo aparecer aos seus olhos, se as leis do mundo material não os proibissem. O esplendor de seus veículos ⁽⁴⁷⁾ e **o domínio que têm sobre as forças que governam as coisas**

materiais e sobre os órgãos da visão poderiam facilmente lhes servir para se fazerem visíveis. Nós consideramos, frequentemente, como uma espécie de milagre que vós não nos percebeis, porque **não estamos longe de vós em relação ao lugar que ocupamos, mas unicamente pela diferença de estado em que estamos.** ⁽⁴⁸⁾

Página 37, *carta VIII*. – **Os gênios celestes que cuidam de vós** nada negligenciaram, durante o vosso sono, para arrancar de vosso coração esse ímpio desejo. **Algumas vezes vos conduziram aos lugares cobertos de uma sombra lúgubre; lá ouvistes os prantos amargos dos Espíritos infelizes.** Outras vezes, as recompensas da constância e da resignação que desenvolveram aos vossos olhos a glória que vos espera, se, fiéis ao vosso dever, vos ligardes pacientemente à virtude. ⁽⁴⁹⁾

O detalhe curioso é que foi dito “*lugar que ocupamos*” e “*lugares cobertos de uma sombra lúgubre*”, ora, facilmente se conclui que há “**lugares circunscritos**” que serve para alguma coisa.

Ao final das citações da obra de Elizabeth Singer Rose, Allan Kardec comenta:

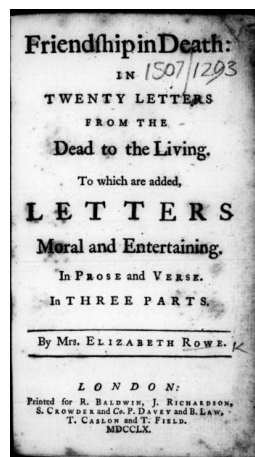
Segundo a perfeita concordância de forma e de fundo que existe entre as ideias desenvolvidas no

livro da senhora Rowe e o ensino atual dos Espíritos, não se pode duvidar de que o que ela escreveu não seja o produto de comunicações reais. ⁽⁵⁰⁾

Ao mencionar as ideias desenvolvidas na obra, o Codificador deixa também claro que elas então em concordância com “o ensino atual dos Espíritos”.

Conseguimos encontrar a versão inglesa da obra de Elizabeth Singer Rowe, com o título ***Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*** (1760) ⁽⁵¹⁾.

Atendendo o nosso pedido, o nosso filho Felipe Lúcio da Silva Neto, que tem bom domínio da língua inglesa, identificou alguns trechos dessa obra ligados ao tema que aqui desenvolvemos e gentilmente os traduziu:



Esta fragrante, esta encantadora terra de amor! Os deliciosos **vales** e **gramados** floridos; as sombras de murta e os recantos rosados; as brilhantes **cascatas** e os cristalinos **riachos** que

guiam suas ondas silenciosas para amplos lagos transparentes, rapidamente forçando o caminho através de rochas arqueadas de diamante e ametista roxa. **Plantas** de verdor imortal rastejam pelas falésias cintilantes, e adornam o panorama com uma variedade indescritível. Ó, **minha Belville!** Poderia eu conduzi-la por entre luxuosos recantos e suaves recessos onde a natureza mantém seus festivais eternos, e se regozija com pura e inalterada liberdade. Tudo o que pode despertar o desejo, tudo o que pode dar prazer, tudo o que pode satisfazer a alma em todas as suas infinitas capacidades de alegria, é encontrado aqui! Cada desejo é reabastecido com grandes goles de prazer vital, como aqueles que elevam as mentes angélicas, e satisfazem as faculdades mais nobres dos espíritos imortais. Ó, Belville, minha Almeria é tão superior a seu antigo eu aqui, quanto eu a considerava superior ao resto de seu sexo na terra. ⁽⁵²⁾

A residência deles pode ser chamada apropriadamente de Encantada. Tudo o que você já ouviu nas fábulas sobre cenas de fadas, bosques cantantes e palácios que surgem ao som de encantos mágicos é real aqui, realizado pelas operações fáceis e naturais desses espíritos ativos. Vi, em um instante, **palácios** se erguerem a uma altura majestosa, **brilhantes como as estrelas e transparentes como o éter sem nuvens.** Eu poderia descrevê-los como o profeta cortesão: suas paredes eram de cores belas, sua fundação de safira, as janelas de ágata e os portões de carbúnculo. **Seus materiais aqui são todos**

reluzentes e refinados; não são, como no globo terrestre, escuros e pesados. Eles são os mais exigentes juízes de simetria e proporção; e, **pela disposição de luz e sombra, e pela mistura de mil cores deslumbrantes, formam as perspectivas mais encantadoras.** Eles possuem tal domínio e conhecimento dos poderes da natureza que, em um instante, **levantam uma variedade de cenas silvestres, levando a perspectiva por avenidas verdes e caminhos floridos até uma extensão imensurável;** enquanto fontes vivas lançam seus jatos prateados e formam arcos cintilantes entre as árvores, de crescimento e verdor indescritíveis. ⁽⁵³⁾

Minha querida Emília, será impossível para mim lhe transmitir a inteligência que prometi das regiões invisíveis, a não ser que eu pudesse traduzir a linguagem dos imortais para a dos mortais; pois **aqui há mil belezas ainda não reveladas** e mil delícias que não têm nome entre a raça humana. Bebemos na fonte da felicidade e nos banhamos nos rios do prazer imortal; as horas alegres dançam ao longo do tempo, coroadas de amor e de êxtase indizível.

Você foi testemunha da minha agonia na morte; vi suas últimas lágrimas carinhosas e entreguei meu último suspiro em seus braços. Mas como a cena se transformou de repente, da escuridão e do horror de um leito de morte para os sorrisos e cantos dos anjos, que me conduziram às alturas etéreas! Mil deslumbrantes maravilhas se revelaram à minha vista; os céus, em todo o seu esplendor, desvelaram suas glórias; o paraíso de

Deus se abriu diante de mim em todas as suas cenas felizes e arrebatadoras! Os **bosques** felizes estavam coroados com uma verdura que nunca murchava; os **rios** límpidos dançavam sobre areias douradas; os encantadores **jardins** exibiam seu orgulho sempre florescente e exalavam néctar divino; os **palácios** dos poderes celestiais se erguiam com uma magnificência sublime, brilhando além de todas as glórias dos céus inferiores e ressoando com a voz de festividade e alegria. ⁽⁵⁴⁾

Onde você acabara de me fazer feliz e me recompensou com a completa fruição. O amor reina em triunfo eterno; aqui ele governa todo o coração e habita em toda língua.

Eles afinam suas **harpas** douradas para o grande nome que seguem, seu tema querido. Dez mil ecos através dos **campos** alegres repetem as melodias claras e doces. Os campos se alegram, os **bosques** fragrantes ao redor florescem novamente com seu som encantador. O céu dos céus, de deslumbrantes alturas acima, retorna o nome e saúda o poder do Amor. ⁽⁵⁵⁾

Até os portões cintilantes da bem-aventurança, e com infinita angústia os encontrei fechados contra mim; e corri por meio do caos e das trevas primordiais (bem longe dos limites do dia celestial), **até alcançar minha morada destinada: uma região sombria, desolada e vasta**, da qual nenhum mortal pode formar uma concepção, nem encontrar um nome para metade de seus terrores.

Ó! Fugi dos caminhos que conduzem a esses tristes aposentos. Assim como fui, em meu estado mortal, o instrumento do inferno para seduzir você ao pecado, sua perdição agravaria imensamente minha própria miséria; e sou autorizado a adverti-lo, como o rico libertino no evangelho teria advertido seus irmãos, para que não chegue a este lugar de tormento. Não devo mais revelar os segredos do abismo; mas... (56)

De todas fontes que tivemos em mãos, essa obra é a primeira que relata algo a respeito de moradias, paisagens bem semelhantes às que temos aqui na Terra, desta forma Emanuel Swedenborg caiu para o segundo degrau do pódio. E com o que transcrevemos da obra dele percebe-se que algumas coisas são comuns ao que relataram esses dois autores.

Conclusão

Quanto mais nós ampliarmos a nossa pesquisa sobre o tema do presente ebook, mais coisas encontraremos que, somadas, formam um conjunto de revelações que só será contestado pelos “pesquisadores de superfície” e os que por puro orgulho se julgam mais “sábios” que todo mundo, razão pela qual dificilmente mudam de opinião, ainda que seja vista, pelo público estudioso e pesquisador do Espiritismo, como ridícula.

Se nos permite, caro leitor, traremos alguns destacados pesquisadores, espíritas ou não, que também aceitam construções no mundo espiritual, com isso queremos demonstrar que não estamos sozinhos nessa empreita. Aliás, nos sentimos felizes por acompanhar pessoas que, reconhecidamente, sabem de Espiritismo muito mais que nós.

1º) Léon Denis (1846-1927), em **Depois da Morte** (1891):

O Espírito, pelo poder da sua vontade, opera sobre os fluidos do Espaço, os combina, dispondo-os a seu gosto, dá-lhes as cores e as formas que convêm ao seu fim. É por meio desses fluidos que se executam obras que desafiam toda comparação e toda análise. Construções aéreas, de cores brilhantes, de zimbórios resplandecentes: sítios imensos onde se reúnem em conselho os delegados do Universo; templos de vastas proporções de onde se elevam acordes de uma harmonia divina; quadros variados, luminosos: reproduções de vidas humanas, vidas de fé e de sacrifício, apostolados dolorosos, dramas do Infinito ⁽⁵⁷⁾. Como descrever magnificências que os próprios Espíritos se declaram impotentes para exprimir no vocabulário humano?

É nessas moradas fluídicas que se ostentam as pompas das festas espirituais. [...]. ⁽⁵⁸⁾

2º) Ernesto Bozzano (1862-1943), em **A Crise da Morte** (1930):

[...] acredito que provavelmente essa questão deva ter surgido com insistência para muitos leitores, os quais, **a respeito da análise comparada aplicada às revelações transcendentais**, devem ter se perguntado: muito bem, agora **sabemos, com base nos fatos, que os espíritos dos desencarnados entram em uma primeira fase de existência espiritual que significa uma reprodução espiritualizada do**

ambiente e da existência terrena; fase transitória, ainda que de longa duração, que teria a finalidade de predispor gradativamente os recém-chegados para a vida espiritual propriamente dita. **Tudo isso já aparece como uma soma importante de conhecimentos adquiridos a esse respeito; [...].** ⁽⁵⁹⁾

3º) Cairbar Schutel (1868-1938), em **A Vida no Outro Mundo** (1932):

O primeiro plano do Mundo Espiritual é bem parecido com o plano em que vivemos, o plano terrestre.

Pode-se dizer que o nosso plano de vida aqui, na Terra, **é uma cópia materializada do primeiro plano da Vida Espírita.** ⁽⁶⁰⁾

4º) José Herculano Pires, em **O Infinito e o Finito** (1983):

[...] a existência de cidades espirituais no além-túmulo, de habitações, vegetais e animais, não é, como supõem, uma invenção dos espíritas. [...].

No tocante às revelações mediúnicas, as descrições de André Luiz não constituem novidade, a não ser quanto ao que trazem de pessoal, da maneira de ver do autor. [...] a Editora

O *Pensamento*, desta capital, acaba de lançar [...] de Anthony Borgia, [...] *A Vida nos Mundos Invisíveis*. [...]. [1ª ed. 1948].

Temos nesse livro curioso uma nova versão da vida no além, com pormenores que confirmam plenamente as descrições de André Luiz. [...] Os religiosos em geral, e os espíritas em particular, encontrarão em *A Vida nos Mundos Invisíveis* muito material para comparação com as descrições dos textos sagrados e das comunicações mediúnicas obtidas em nosso país. Esse confronto, para os espíritas, atende a um dos requisitos do método doutrinário, para aceitação das informações espirituais: o do consenso universal, estabelecido pelo codificador. ⁽⁶¹⁾

Sinceramente, em nossa opinião, um dos argumentos mais fracos dos críticos é quando dizem “isso não está na Codificação”, pois provam apenas que não conhecem o pensamento de Allan Kardec.

Ademais os espíritos, como disse o próprio Codificador, agem com prudência só trazendo novas revelações após assimilarmos as anteriores, como um bom professor o faria. Isso fica bem claro ao lermos estes trechos de dois artigos publicados na ***Revista Espírita 1865***:

a) Maio, mensagem de Georges “Estudo sobre a mediunidade”:

[...] **O progresso da ciência espírita, que se enriquece cada dia, de novas observações**, nos mostra a quantas causas diferentes e influências delicadas, que não se supunha, estão submetidas as relações inteligentes com o mundo espiritual. **Os Espíritos não podiam ensinar tudo ao mesmo tempo**; mas, como hábeis professores, **à medida que as ideias se desenvolvem, entram em maiores detalhes, e revelam os princípios que, dados prematuramente, não teriam sido compreendidos, e teriam feito confusão em nosso pensamento.** ⁽⁶²⁾

b) Agosto, artigo “O que o Espiritismo ensina”:

[...] O Espírito humano poderia absorver sem cessar ideias novas? A própria Terra não tem necessidade de tempo de repouso antes de reproduzir? **Que se diria de um professor que ensinasse todos os dias novas regras aos seus alunos, sem lhes dar o tempo de se aplicar sobre aquelas que aprenderam, de se identificar com elas e de aplicá-las?** Deus seria, pois, menos providente e menos hábil do que um professor? **Em todas as ideias novas devem se encaixar nas ideias adquiridas**; se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro; se o espírito não as assimilou, as que se quer nele implantar não tomam raiz; semeia-se no vazio. ⁽⁶³⁾

Valemo-nos também desta fala de Allan Kardec, constante na obra **O Que é o Espiritismo**:

[...] eu não pretendo que a crítica deve necessariamente aprovar nossas ideias, mesmo depois de as haver estudado; não nos revoltamos de forma alguma contra os que não pensam como nós.

O que é evidente, para nós, pode não ser para vós outros; **cada qual julga as coisas debaixo de certo ponto de vista, e do fato mais positivo nem todos tiram as mesmas conseqüências.** ⁽⁶⁴⁾

Como já dissemos milhares de vezes, não nos colocamos como “donos da verdade”, queremos, de todo o coração, apenas estar com a verdade.

Abrimos espaço aos críticos para refutarem item a item de toda a nossa pesquisa, cuja lista está após as “Referências bibliográficas”, mas lhes pediremos que levem em conta, o teor destes seguintes trechos das obras da Codificação:

a) *Revista Espírita 1859*

O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente, e, por aí, dar lugar a uma crítica

fundada. Lamentam-se do julgamento temerário de seus antagonistas: não prestam atenção ao fato de que, eles mesmos, frequentemente, mostram o ponto fraco. [...]. ⁽⁶⁵⁾

b) ***Revista Espírita 1860***

Para criticar é necessário opor um raciocínio a um raciocínio, uma prova a uma prova; isso é possível sem conhecimento profundo do assunto do qual se trata? Que pensaríeis daquele que pretendesse criticar um quadro sem possuir, ao menos em teoria, as regras do desenho e da pintura; discutir o mérito de uma ópera sem saber a música? Sabeis qual é a consequência de uma crítica ignorante? É ser ridículo e acusar uma falta de julgamento. Quanto mais a posição crítica é elevada, mais estiver em evidência, tanto mais seu interesse lhe manda circunspeção, para não se expor a receber desmentidos, sempre fáceis a dar a quem fale daquilo que não conheça. [...]. ⁽⁶⁶⁾

Nosso e-mail consta em “Dados Biográficos do Autor”, para que os críticos possam nos enviar sua análise item a item. É preciso reforçar que, fora desse critério, não perderemos tempo em ler. Podem ter certeza que analisaremos tudo com carinho, não as veremos como uma espécie de afronta ao que pensamos.

Referência bibliográfica

- BOZZANO, E. **A Crise da Morte**. São Paulo: Maltese, 1991.
- BOZZANO, E. **O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas**. São Paulo: Instituto Lachâtre, 2019.
- BROWNE, S. **O Outro Lado da Vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- CUNHA, H. **Cidade no Além**. Araras (SP): IDE, 1989.
- DAMO, V. A. **Moradas Espirituais: Visitas a Vinte Colônias**. Distrito Federal: Auta de Souza, 2014.
- DELANNE, G. **A Alma é Imortal**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. **Depois da Morte**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DOYLE, A. C. **História do Espiritismo**. São Paulo: Pensamento, 1990.
- GENTILE, S. e ATANTES, H. M. C. (Org.) **Entrevistas - Francisco Cândido Xavier/Emmanuel**. Araras (SP): IDE, 1994.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Rio da Janeiro: FEB, 2007.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: FEB, 2013.

- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. São Paulo: Lake, 2006.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Araras (SP): IDE, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1865**. Araras (SP): IDE, 2000.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1868**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1869**. Araras (SP): IDE, 1993.
- KARDEC, A. **Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita**. São Paulo: Madras: USE, 2004.
- LEONARD, G. O. **Minha Vida em Dois Mundos**. São Paulo: Autores Espíritas Clássicos, 2016.
- MIRANDA, H. C. **Swedenborg, Uma Análise Crítica**. Rio de Janeiro: CELD, 2014.

- NOBRE, M. S. ***Lições de Sabedoria - Chico Xavier nos 23 anos da Folha Espírita***. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997.
- OWEN, G. V. ***A Vida Além do Véu***. Rio de Janeiro: FEB, 1983.
- PEREIRA, Y. A. ***Recordações da Mediunidade***. Rio de Janeiro: FEB, 1989.
- PIRES, J. H. ***O Espírito e o Tempo***. São Paulo: Edicel, 2003.
- PIRES, J. H. ***O Infinito e o Finito***. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraternal, 1983.
- PRAAGH, J. V. ***Espíritos Entre Nós***. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- SINGH, S. S. ***Visões do Mundo Espiritual***. (PDF), 2ª edição. A Voz do Vento (site), 2020.
- SCHUTEL, C. ***A Vida no Outro Mundo***. Matão (SP): O Clarim, 2011.
- SWEDENBORG, E. ***O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto***. Brasil, Edições das doutrinas celestes para a nova Jerusalém, 2005.

Internet:

Capa:

<https://i.pinimg.com/736x/ee/36/de/ee36de678e6fa579edd1b7b6834ec23b.jpg>. Acesso em: 12 nov. 2024.

DICIONÁRIO INFORMAL, Expressão: “*Fazer ouvidos de mercador*”, disponível em:
<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/fazer%20ouvidos%20de%20mercador/10087/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ROWE, E. S. *Friendship in death: in twenty letters from the dead to the living*, disponível em:
https://archive.org/details/bim_eighteenth-century_friendship-in-death-in-_rowe-elizabeth-singer_1760_0/page/n5/mode/2up. Acesso em: 11 nov. 2024.

Obras de nossa autoria que recomendamos

Algumas não estão diretamente ligadas ao tema, mas à questão de como deveria ser visto o trabalho de codificação do Espiritismo por Allan Kardec. A grande parte sim, tem relação direta com a temática que aqui desenvolvemos. Entretanto todas elas ajudarão aos que nos lerem a compreender melhor a nossa visão consignada nesse ebook:

- 1 - *As Colônias Espirituais e a Codificação* (271 p), à venda em:
<https://www.ethoseditora.com.br/book/details/as-colonias-espirituais-e-a-codificacao>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- 2 - *As Colônias Espirituais e as Cartas Consoladoras* (72 p), disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/construcoes-no-mundo-espiritual-e-as-cartas-consoladoras-as>. Acesso em: 24 nov. 2024.
- 3 - *Colônias Espirituais Seriam Lugares Circunscritos, Como Assim?* (9 p), disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/colonias-espirituais-seriam-lugares-circunscritos-como-assim-1>. Acesso em: 12 nov. 2024.

- 4 - *Colônias Espirituais X Dogmatismos de Espíritas* (296 p), disponível em: <https://paulosnetos.net/article/colonias-espirituais-x-dogmatismo-de-espiritas-ebook>. Acesso em: 24 nov. 2024.
- 5 - *Construções no Mundo Espiritual e a Experiência de Videntes* (6 p), disponível em: <https://paulosnetos.net/article/construcoes-no-mundo-espiritual-e-a-experiencia-de-videntes>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- 6 - *Criações Fluídicas - Um Breve Ensaio* (141 p), disponível em: <https://paulosnetos.net/article/criacoes-fluidicas-um-breve-ensaio>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- 7 - *No Mundo Espiritual Há Coisas Similares às Que Temos na Terra?* (12 p), disponível em: <https://paulosnetos.net/article/no-mundo-espiritual-ha-coisas-similares-as-que-temos-na-terra>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- 8 - *O Espiritismo Ainda Não Tem Ponto Final* (16 p), disponível em: <https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-ainda-nao-tem-ponto-final>. Acesso em: 12 nov. 2024.
- 9 - *O Espiritismo não se resume apenas às obras de Allan Kardec* (6 p), disponível em: <https://paulosnetos.net/article/o-espiritismo-nao-se-resume-apenas-as-obras-de-allan-kardec>. Acesso em: 12 nov. 2024.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em*

Kardec?; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*; 9) *Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta*; 10) *Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?*; 11) *A Mulher na Bíblia*; 12) *Todos Nós Somos Médiuns?*; 13) *Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas*; 14) *O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito*; 15) *O Fim dos Tempos Está Próximo?*; 16) *Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves*; 17) *Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?*; 18) *A Aura e os Chakras no Espiritismo*; 19) *Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?*; 20) *Espiritismo: Religião Sem Dúvida*; 21) *Allan Kardec e Suas Reencarnações*; 22) *Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?*; 23) *EQM: Prova da Sobrevivência da Alma*; 24) *A Perturbação Durante a Vida Intrauterina*; 25) *Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução*; 26) *Reencarnação e as Pesquisas Científicas*; 27) *Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia)*; 28) *Haveria Fetos Sem Espírito?*; 29) *Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos*; e 30) *Herculano Pires Diante da Revista Espírita*.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 DELANNE, A Alma é Imortal, p. 205.
- 2 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 48.
- 3 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 192.
- 4 KARDEC, *O Livro dos Médiuns* – Lake, p. 289.
- 5 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 345.
- 6 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 154
- 7 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 160.
- 8 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 386.
- 9 KARDEC, *A Gênese*, p. 234-235.
- 10 Nota da Transcrição (N.T.): Veja-se a *Revista Espírita*, julho de 1859 e *O Livro dos Médiuns*, Segunda parte, cap. VIII.
- 11 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 345.
- 12 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 102.
- 13 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 33-34.
- 14 KARDEC, *Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita*, p. 40.
- 15 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 49.
- 16 N.T.: Que haja uma infinita variedade e nunca alguma coisa é a mesma que outra (n. 7326, 9002). Que nos céus, também, haja uma variedade infinita (n. 684, 690, 3744, 5598, 7236). Que as variedades nos céus sejam variedades do bem (n. 3744, 4005, 7236, 7833, 7836, 9002). Que, por isso, todas as sociedades nos céus e cada um dos anjos nas sociedades se distinguem uns dos outros (n. 690, 3241, 3519, 3804, 3986, 4067, 4149, 4263, 7236, 7833, 7836). Mas que, ainda assim, todos fazem um pelo amor ao SENHOR (n. 457, 3986).
- 17 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 21.
- 18 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 28-29.

- 19 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 51.
- 20 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 89.
- 21 N.T.: Que todos no céu íntimo estejam na inocência e, por isso, apareçam nus (n. 154, 165, 297, 2736, 3887, 8375, 9960). Que a inocência seja representada no céu pela nudez (n. 165, 8375, 9960). Que os inocentes e castos não tenham pudor da nudez, porque não têm escândalo (n. 165, 213, 8375).
- 22 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 91-92.
- 23 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 94.
- 24 N.T.: Que todo homem e toda sociedade, assim, a pátria e a igreja e, num sentido universal, o reino do SENHOR, sejam o próximo; e que fazer bem pelas pelo amor do bem segundo a qualidade de seu estado seja amar o próximo, assim, que o bem deles, que também é o bem comum, que deve ser considerado, seja o próximo (n. 6818-6824, 8123). Que também o bem civil, que é o justo, seja o próximo (n. 2915, 4730, 8120-8123). Dai, que a caridade para com o próximo se estenda a todas e cada uma das coisas da vida do homem e que amar o próximo seja amar o bem e fazer o bem pelo amor do bem e do vero, como também o justo pelo amor do justo, em toda função e toda obra (n. 2417, 8121-8124).
- 25 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 108.
- 26 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 223-224.
- 27 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 225-226.
- 28 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 231.

- 29 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 264-266.
- 30 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 268-269.
- 31 N.T.: Que se façam vastações na outra a vida, isto é, que os que vão do mundo para lá sejam vastados (n. 698, 7122, 7474, 9763). Que os probos sejam vastados quanto aos falsos e os maus quanto aos veros (n. 7474, 7541, 7542). Que nos probos também se façam vastações, para que sejam despojados das coisas terrestres e mundanas que contraíram quando viveram no mundo (n. 7186, 9763) e para que os males e falsos sejam removidos e, assim, haja onde influir os bens e veros do céu provenientes do SENHOR e haja a faculdade de recebê-los (n. 7122, 9330). Que não possam ser elevados ao céu antes de tais coisas serem removidas, porque elas impedem e não concordam com as celestes (n. 6928, 7122, 7186, 7541, 7542, 9763). Que assim sejam também preparados os que devem ser elevados ao céu (n. 4728, 7090). Que seja perigoso vir ao céu antes de se estar preparado (n. 537, 538). Do estado de iluminação e de alegria daqueles que saem da vastação e são elevados ao céu e de sua recepção ali (n. 2699, 2701, 2704). Que a região onde se fazem essas vastações se chame terra inferior (n. 4728, 7090). Que essa região esteja sob as plantas dos pés, cercada pelos infernos; sua qualidade é descrita (n. 4940-4951, 7090), Pela experiência (n. 699). Quais são os infernos que infestam e vastam mais do que os outros (n. 7317, 7502, 7545). Que aqueles que tinham infestado e vastado os bons, em seguida os temem, fogem deles e os têm em aversão (n. 7768). Que as essas infestações e vastações se fazem de diversos modos, segundo a aderência dos males e falsos e que persistam segundo a qualidade e quantidade deles (n. 1106-1113). Que alguns queiram de boa vontade ser vastados (n. 1107). Que alguns sejam vastados por temores (n. 4942). Alguns pelas infestações de seus males, que praticaram no mundo e pelos seus falsos, que pensaram no mundo, donde têm ansiedades e dores de

consciência (n. 1106). Alguns, pelo cativoiro espiritual, que é a ignorância e a interceptação do vero conjunta ao desejo de saber os veros (n. 1109, 2694). Alguns, durante o sono; outros durante o estado médio entre a vigília e o sono (sobre isso, n.1108). Os que puseram mérito nas obras, esses aparecem a si mesmos como se a racharem lenha (n. 1110). Outros de outros modos, com muita variedade (n. 699).

- 32 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 279-281.
- 33 SWEDENBORG, *O Céu e as Suas Maravilhas e o Inferno, Segundo o Que Foi Ouvido e Visto*, p. 320.
- 34 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 298-299.
- 35 PIRES, *O Espírito e o Tempo*, p. 105.
- 36 MIRANDA, *Swedenborg, uma análise crítica*, p. 76-77.
- 37 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 293.
- 38 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, Primeira Parte, cap. III, item 10, p. 36.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 294-295.
- 40 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 296.
- 41 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 297-298.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita 1863*, p. 231-232.
- 43 KARDEC, *Catálogo Racional: Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita*, p. 40.
- 44 PIRES, *O Espírito e o Tempo*, p. 104.
- 45 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 324-326.
- 46 “*Fazer ouvidos de mercador*”: “Expressão usada para dizer que não deu importância ao que ouviu, que não prestou atenção, ou que fingiu não ter ouvido de propósito determinado assunto; se fazer de surdo.”
Fonte:
<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/fazer%20ouvidos%20de%20mercador/10087/>

- 47 N.T.: Ver-se-á mais adiante que, por veículo, o autor entende o corpo fluídico.
- 48 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 327-328.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 328.
- 50 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 331.
- 51 ROWE, *Friendship in death: in twenty letters from the dead to the living*, disponível em:
https://archive.org/details/bim_eighteenth-century_friendship-in-death-in-rowe-elizabeth-singer_1760_0/page/n5/mode/2up
- 52 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 25.
- 53 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 30.
- 54 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 33.
- 55 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 35.
- 56 ROWE, *Friendship in Death: in Twenty Letters from the Dead to the Living*, p. 192.
- 57 Nota da transcrição: São essas reproduções de vidas humanas que os Instrutores Espirituais dão a ver aos médiuns, no Espaço, durante o sono letárgico, ou desdobramento, e dos quais se originam os romances mediúnicos, sempre tão atraentes. Vide capítulo VI.
- 58 DENIS, *Depois da Morte*, p. 223.
- 59 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 239-240.
- 60 SCHUTEL, *A Vida no Outro Mundo*, p. 95.
- 61 PIRES, *O infinito e o finito*, p. 98-100.
- 62 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 156-155.
- 63 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 227.
- 64 KARDEC, *O que é o Espiritismo*, p. 59.

65 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, p. 283.

66 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 3.